

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 19 | Número 1 | Janeiro – Junho 2025
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

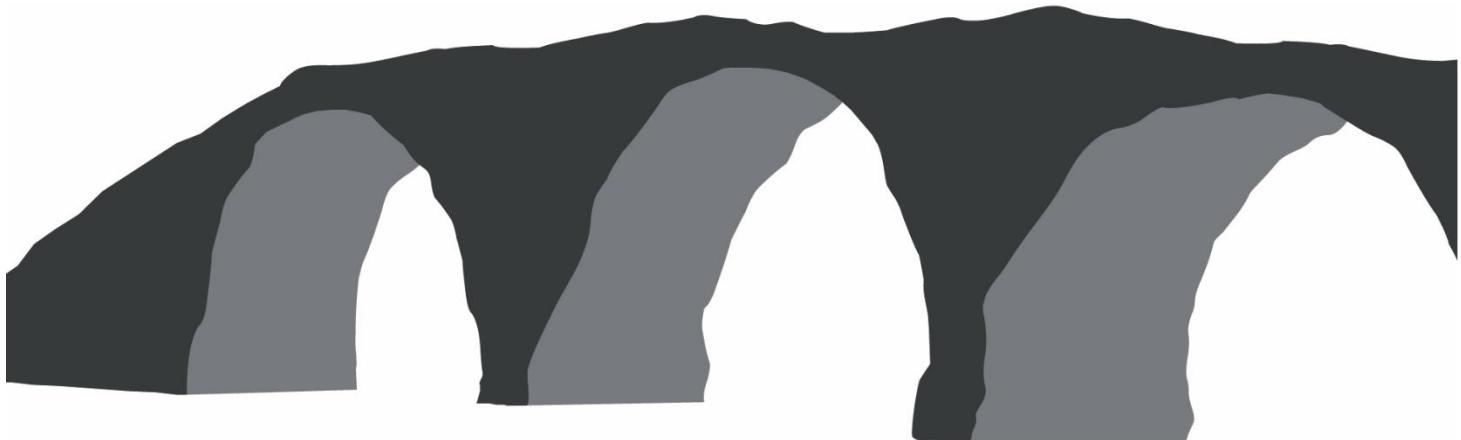
**BATALHA DE SÃO GONÇALO:
UM ESTUDO ARQUEOLÓGICO NO MUNICÍPIO DE BATALHA – PIAUÍ A
PARTIR DE ANTIGOS ESTABELECIMENTOS RURAIS**

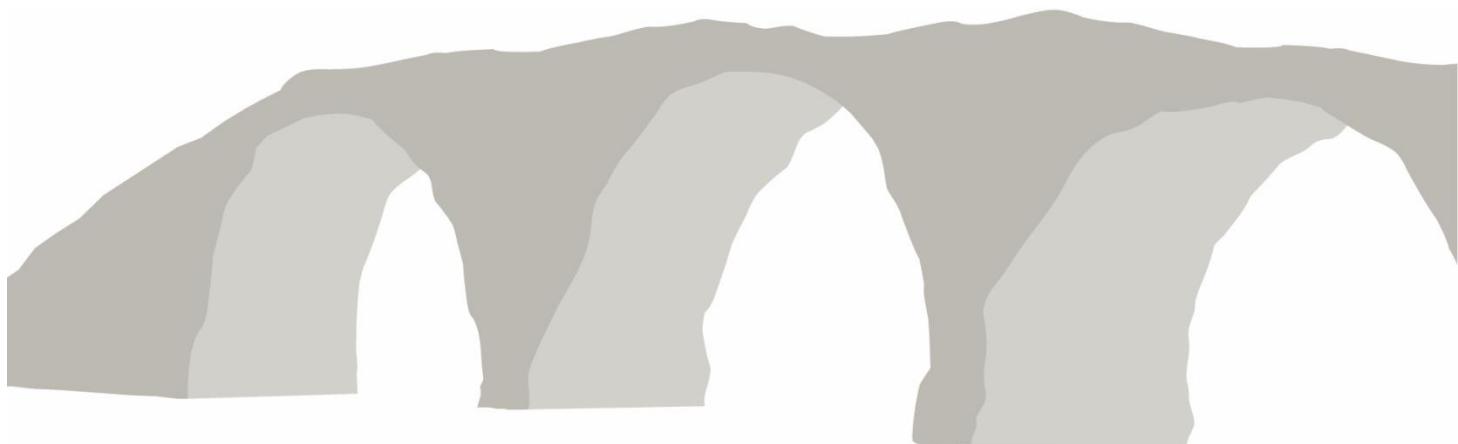
**BATALHA DE SÃO GONÇALO:
UN ESTUDIO ARQUEOLÓGICO EN EL MUNICIPIO DE BATALHA – PIAUÍ A
PARTIR DE ANTIGUOS ESTABLECIMIENTOS RURALES**

**BATALHA DE SÃO GONÇALO:
AN ARCHAEOLOGICAL STUDY IN THE MUNICIPALITY OF BATALHA -
PIAUÍ FROM FORMER RURAL ESTABLISHMENTS**

Natália de Sousa Santos

Maria do Amparo Alves De Carvalho





Submetido em 24/07/2024.

Revisado em: 23/12/2024.

Aceito em: 06/01/2025.

Publicado em 30/01/2025.

**BATALHA DE SÃO GONÇALO:
UM ESTUDO ARQUEOLÓGICO NO MUNICÍPIO DE BATALHA – PIAUÍ A
PARTIR DE ANTIGOS ESTABELECIMENTOS RURAIS¹**

**BATALHA DE SÃO GONÇALO:
UN ESTUDIO ARQUEOLÓGICO EN EL MUNICIPIO DE BATALHA – PIAUÍ A
PARTIR DE ANTIGUOS ESTABLECIMIENTOS RURALES**

**BATALHA DE SÃO GONÇALO:
AN ARCHAEOLOGICAL STUDY IN THE MUNICIPALITY OF BATALHA -
PIAUÍ FROM FORMER RURAL ESTABLISHMENTS**

Natália de Sousa Santos²

Maria do Amparo Alves De Carvalho³

RESUMO

O presente artigo objetiva apresentar uma análise arqueológica que versa sobre o povoamento do atual município de Batalha por meio da pesquisa de remanescentes de estabelecimentos rurais. O intuito da pesquisa aqui apresentada foi, a partir do estudo de características arquitetônicas e de informações históricas e geográficas do território onde estão inseridas, compreender como foi a ocupação colonial do município de Batalha. Assim, levantamentos bibliográficos e prospecções de reconhecimento da área possibilitaram o entendimento da caracterização geográfica e do contexto etno-histórico do local, bem como a identificação das fazendas Brejo de Baixo e Brejo de Cima, que contribuíram para o entendimento das bases históricas de composição do território batalhense.

Palavras-chave: Povoamento, Batalha, Fazendas, Colonização, Piauí.

¹ Resultado do trabalho de Conclusão do Bacharelado em Arqueologia e Conservação e Arte Rupestre, Universidade Federal do Piauí.

² Mestre em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, Rua Dra. Lia Rachel do Rêgo Monteiro Mendes, N: 1334, Bloco 4, Apt 104, Condomínio Portal do Leste A, Bairro Campestre, CEP: 64053-710, Teresina/PI, Brasil. E-mail: arqnati23@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1112-0890>.

³ Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal do Piauí desde 2014, Rua Crescêncio Ferreira, 1539 – Bloco 2, Apt 203, Condomínio Liverpool, Bairro Morada do Sol, CEP: 64.056-440, Teresina/PI, Brasil. E-mail: amparocarvalhoarq@ufpi.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-8235-461X>.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar un análisis arqueológico que aborda el poblamiento del actual municipio de Batalha a través de la investigación de restos de asentamientos rurales. El propósito de la investigación aquí presentada fue, a partir del estudio de las características arquitectónicas e información histórica y geográfica del territorio donde se ubican, comprender cómo fue la ocupación colonial del municipio de Batalha. Así, las encuestas bibliográficas y de reconocimiento de la zona permitieron comprender la caracterización geográfica y el contexto etnohistórico del lugar, así como la identificación de las fincas Brejo de Baixo y Brejo de Cima, lo que contribuyó a la comprensión de las bases históricas de la composición del territorio de Batalha.

Palabras clave: Poblamiento, Batalha, Haciendas, Colonización, Piauí.

ABSTRACT

This article aims to present an archaeological analysis that deals with the settlement of the current municipality of Batalha through research into the remains of rural establishments. The purpose of the research presented here was, based on the study of architectural characteristics and historical and geographical information of the territory where they are located, to understand how the colonial occupation of the municipality of Batalha was. Thus, bibliographical surveys and reconnaissance surveys of the area made it possible to understand the geographical characterization and ethno-historical context of the place, as well as the identification of the Brejo de Baixo and Brejo de Cima farms, which contributed to the understanding of the historical bases of composition of the Batalha territory.

Keywords: Settlement, Batalha, Farms, Colonization, Piauí.

INTRODUÇÃO

As fazendas de criatório de gado e os engenhos são estabelecimentos rurais que contribuíram de forma relevante para o processo de ocupação da Freguesia de São Gonçalo de Batalha, assim como em todo o território piauiense. O Piauí Colonial, segundo Brandão (1995, p. 24), tinha sua economia baseada na “pecuária, voltada para o abastecimento interno da Colônia, e na lavoura de subsistência”. A pecuária foi a responsável pelo processo de povoamento do território e constituiu-se a principal fonte econômica da Capitania do Piauí durante os séculos XVIII e XIX, tendo, assim, um papel de destaque no “alargamento da área de povoamento na região nordeste” (Brandão, 1995, p. 35).

A atividade de criação de gado foi iniciada no interior da Capitania do Piauí e, dentre alguns papéis relevantes para o desenvolvimento da colônia, a mesma desempenhou o de custear os engenhos. O gado vacum e o cavalar serviram, respectivamente, para a alimentação da população que habitava as áreas em que se cultivava a cana-de-açúcar e como tração animal e transporte. Com essa informação se realizou a pesquisa sobre a ocupação colonial da Freguesia de São Gonçalo da Batalha, a partir dos vestígios dos antigos estabelecimentos rurais remanescentes nas localidades denominadas Brejo de Baixo e Brejo de Cima, na área rural do atual município de Batalha.

Nesta pesquisa se optou por trabalhar a partir do levantamento bibliográfico em fontes primárias encontradas em documentos do Arquivo Público do Piauí, e secundárias em livros, artigos, monografias, dissertações e teses, assim como, por meio de trabalhos de prospecções de reconhecimento de área, com a realização de levantamento de registros orais e fotográficos da arquitetura das casas, observando e anotando os detalhes da paisagem e das demais informações em caderno de campo para proceder a uma comparação com os dados recolhidos de pesquisas sobre fazendas coloniais do Piauí, a exemplo do trabalho de Silva Filho (2007), Vieira (2017) e Oliveira (2018).

A escolha do local para a povoação do território do atual município de Batalha pode ter sido influenciada por sua localização, inserida na área do Vale do rio Longá, afluente do rio Parnaíba, na região que, segundo Sousa (1990) e Araújo & Sousa (2009), usufruiu de notoriedade no processo de povoamento nativo e colonial, por oferecer abundantes recursos hídricos e da biodiversidade da fauna e da flora. Assim sendo, no referido artigo se apresenta de maneira breve as características geográficas da Bacia do rio Longá, que foi importante para o desenvolvimento econômico durante a ocupação colonial. Apresentam-se também as características territoriais do município de Batalha, o seu contexto historiográfico e o estudo arqueológico de dois estabelecimentos rurais existentes na localidade Brejo, na zona rural do município de Batalha-Pi, em que a investigação foi focada nos traços arquitetônicos, como forma de evidenciar as estruturas, e os materiais utilizados nas construções das casas de fazendas, o que deu destaque ao uso de materiais de uma tradição arquitetônica vernacular, através da qual se chegou a uma compreensão do espaço em que os antigos colonos viviam.

Optou-se por trabalhar pela perspectiva da Arqueologia da Arquitetura, subárea da Arqueologia Histórica que contribuiu para o alcance do objeto principal da pesquisa por focar em “construções como elementos ativos que interagem de forma dinâmica com o homem é para nós um instrumento útil no debate de processos históricos vinculados à formação do mundo moderno.” (Zarankin, 2001, p. 5).

Percebeu-se que a partir do levantamento dos traços arquitetônicos das referidas fazendas que estas construções podem ser consideradas como superartefatos⁴, uma referência aos artefatos de grande porte, que chamam à atenção por serem exemplares de edificações representativas de um tempo pretérito, porque nelas estão contidas informações significativas da história colonial da cidade de Batalha, no contexto da formação do estado do Piauí.

No entanto, ressalta-se que dentro da análise há um outro ponto relacionado a participação de diferentes grupos sociais na construção da história de ocupação do território do atual estado do Piauí além dos europeus; os indígenas e africanos, grupos que sofrem de certa “escassez” quanto a materialidade pretérita, mas que de acordo com pesquisas já realizadas na temática das fazendas de gado, tem muito potencial para pesquisas futuras.

Desta forma, acredita-se que a compreensão de traços estruturais, arquitetônicas de fazendas de criação de gado, como é o caso dos estabelecimentos aqui estudados, levanta hipóteses a respeito de como processos de ocupação territorial no estado do Piauí se deram a partir das construção de estabelecimentos em locais estratégicos e resultantes de ações violentas para obtenção de terras.

CONHECENDO O CONTEXTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE BATALHA

As fazendas históricas Brejo de Baixo e Brejo de Cima estão localizadas na área rural do município de Batalha, que fica a aproximadamente 7,0 km da sua sede; ela é uma cidade que, de acordo com o IBGE (2022), possui uma população estimada em 26.300 pessoas distribuídas por uma área territorial de 1.589,010 km², banhada pelas águas do rio Longá que dista a 165,5 km de Teresina, capital do Piauí e faz fronteira com 7 municípios, conforme pode ser visto no Figura 1.

O rio Longá está localizado na área da bacia hidrográfica do rio Parnaíba e é uma das suas maiores sub-bacias no lado piauiense, que engloba uma área de 23.800 km² e um curso de 320 km abrangendo, além de Batalha, os atuais municípios de Alto Longá, Barras, Boa Hora, Boqueirão do Piauí, Buriti dos Lopes, Cabeceiras do Piauí, Campo Maior, Caraúbas, Caxingó, Coivaras, Esperantina, Murici dos Portelas, Nossa Senhora de Nazaré e São José do Divino (Sousa, 2011).

As áreas próximas aos rios, riachos, aos olhos d’água e outros, desde os tempos pré-coloniais eram escolhidas como locais propícios para o estabelecimento de habitação; no período de ocupação dos povos nativos essas áreas também serviram como sua primeira opção de fixação e, por conseguinte, despertaram o interesse dos primeiros desbravadores e conquistadores de terras. Nesta perspectiva as fazendas e demais estabelecimentos rurais do início da ocupação colonial, neste campo de estudo, foram edificados na área do Vale do rio Longá, pois, em uma capitania de clima quente, como era o caso da Capitania de São José do Piauí, no momento da edificação de uma unidade pecuarista a escolha do local merecia muita atenção do criador.

Certamente, esses fatores ambientais e outros constituíram as principais razões para que as sedes das fazendas fossem construídas nas proximidades de rios, riachos e lagos (Brandão, 1995). Observa-se a

⁴ Segundo Najjar (2011) as fazendas podem ser estudadas como artefatos assim como os vestígios cerâmicos e líticos, já que também são a representação da cultura material produzida pelo ser humano, e como tal tornam-se produtos e produtores de relações sociais, sendo carregados de valores e simbolismos. O termo superartefato utilizado nesta pesquisa faz uma referência a um objeto de estudo de grande porte e por esta razão sua construção está carregada de sentidos, de significados simbólicos, pois sua escolha estava cheia de propósitos, envolveu muitos esforços na escolha do local, rico em água, do material construtivo durável adequado para o período em estudo, assim como a utilização da força do trabalho escravizado. Esses e outros elementos nos permitem compreender essas duas construções das sedes das fazendas Brejo de Baixo e Brejo de Cima, como superartefatos.

importância atribuída ao lugar na afirmativa de Alencastre (2005, p. 86) quando ele menciona o fato de “para que no sertão uma fazenda mereça o nome de boa deve ser primeiro provida de água”.

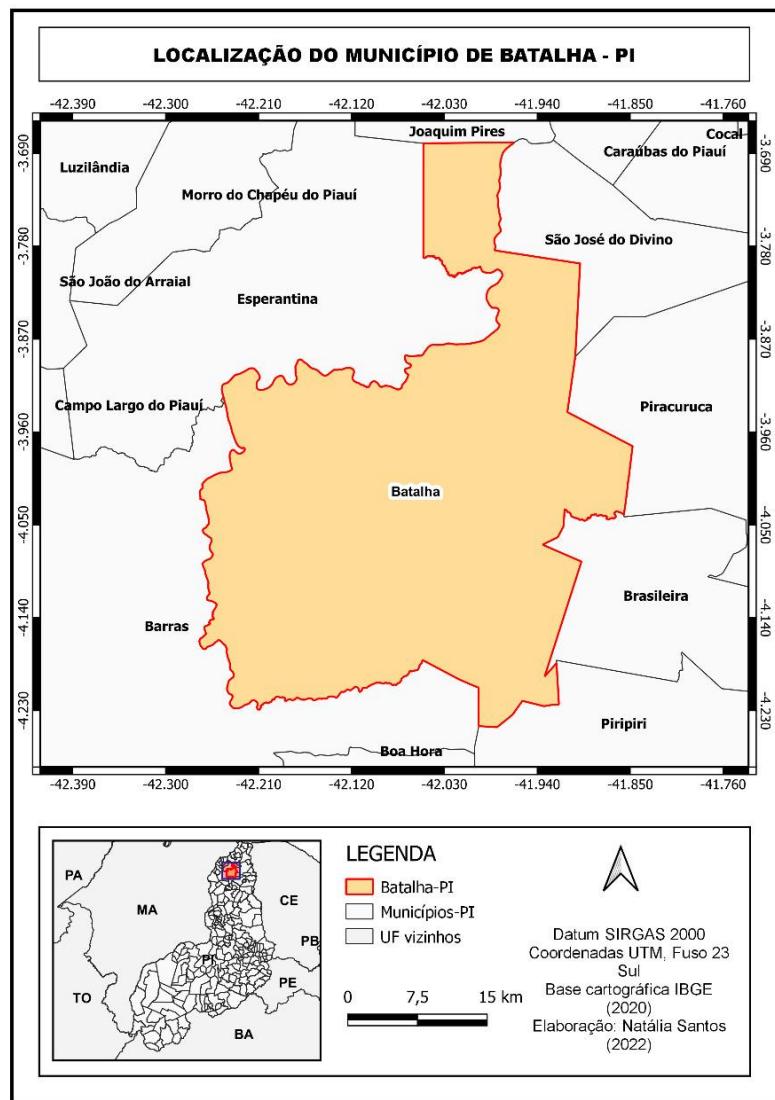


Figura 1. Localização do município de Batalha. Fonte: elaborado por Natália Santos (2022).

HISTORIOGRAFIA DO MUNICÍPIO DE BATALHA

Na segunda metade do século XVII ocorreu a conquista da Região Centro-Sul do Piauí, sendo os termos de Valença e Jerumenha os mais antigos a serem povoados por meio da doação de sesmarias, ambas voltadas à agricultura de subsistência e à pecuária extensiva; já a Região Norte foi ocupada a partir da penetração pelo litoral piauiense (Brandão, 1995; Sousa, 1990). É sabido que o território batalhense, antes de ser ocupado por colonizadores ávidos por terras para fixarem suas fazendas, era um território povoadado por povos nativos da Nação *Tremembé*, como os *Alongá*. Esses povos foram conhecidos pelas denominações de *Longá*, *Alongares ou Alongases* e receberam essa denominação por habitarem a Serra da Ibiapaba, na ribeira e vizinhança do rio longá, especificamente nas cercanias dos riachos Santo Antônio e Berlengas (Mott, 2010).

O interesse no povoamento desta área com a implantação da criação de gado desencadeou uma série de ataques e confrontos entre o colonizador e os povos nativos, provocando a morte de centenas deles, a precarização das suas vidas e a sua escravização. Dentre esses ataques podemos destacar a “Batalha de São Gonçalo”, foi um confronto entre os colonizadores e os povos nativos, considerado nos livros históricos como rebelião, que culminou com a morte de muitos nativos que viviam na região do atual município da cidade de Batalha.

A “Batalha de São Gonçalo” ocorreu em um contexto de insurreições que se sucederam entre os anos de 1712 e 1713 no norte da Capitania do Piauí, a exemplo do “Levante Geral dos Tapuias do Norte” uma grande mobilização e articulação composta por todas as nações submetidas à exploração pelos europeus desde o início da colonização. Esse levante foi o resultado da indignação sentida pelos povos nativos que não mais suportavam as violências sofridas por tantos anos (Chaves, 1994). Esse movimento dos povos nativos foi tratado na literatura piauiense do século XX como rebelião, entretanto, atualmente comprehende-se que esses povos ainda não foram devidamente estudados e que a sua reação à dominação estrangeira foi uma forma de preservação da sua cultura e não submissão aos projetos de um capitalismo comercial emergente.

Considera-se ainda que a “Batalha de São Gonçalo” está inserida no contexto das lutas entre os indígenas e o colonizador que se desencadeou no Nordeste do Brasil entre 1650 e 1720, que foi denominada na literatura como “Guerra dos Bárbaros” (Puntoni, 2002). Nesta porção norte da Capitania do Piauí, uma liderança indígena tupi, Mandu Ladino, da Aldeia dos *Aranhi*, foi um dos principais líderes que contestou a ação dos fazendeiros em um movimento que durou de 1712 a 1719, quando ele foi morto em uma batalha no litoral.

Nestes conflitos entre indígenas e colonizadores destacou-se Bernardo de Carvalho e Aguiar, que foi mestre de campo português neste período, considerado um pacificador, seu nome teve um papel de destaque na colonização do território do atual município de Batalha. Ele sucedeu Antônio da Cunha Souto Maior, mestre de campo que se destacou pelas conquistas na região da Capitania do Maranhão e Grão-Pará. Bernardo de Carvalho e Aguiar foi responsável por reunir uma tropa e perseguir o Mandu Ladino, indígena e vaqueiro escravo que juntamente com outras dezenas de companheiros promoveram uma resistência com um levante, considerado pelo colonizador como uma revolta, que culminou com a morte do Mestre de Campo Souto Maior e de muitos dos seus soldados. (Martins Filho, 1997).

Segundo as descrições de Martins Filho (1997) e Dias (2008), Bernardo de Carvalho e sua tropa marcharam rumo às fronteiras do norte do Ceará até chegarem em uma fazenda chamada Lages, nas proximidades de Piracuruca, a qual nativos haviam atacado, matando algumas pessoas. Prosseguindo em sua perseguição, a tropa de Bernardo de Carvalho ainda teve outro embate com nativos na ribeira de um rio chamado Hiós. Lá, indígenas foram mortos e soldados feridos e após seguir em direção à Serra da Ibiapaba, onde se encontrava a Missão Jesuítica que era supervisionada pelo Padre Ascenso Gago; ali se fixaram e enviaram soldados para prosseguir em busca dos indígenas que haviam fugido (Martins Filho, 1997; Dias, 2008). Depois de 5 dias os soldados alcançaram os indígenas e assim entraram em combate nas proximidades do rio Longá, local em que os então vitoriosos deram o nome de lugar da Batalha de São Gonçalo, exatamente por serem devotos do santo português⁵ (Martins Filho, 1997).

⁵ Descrição de Sebastião Lima, morador da região em documento do Arquivo do Porto, datado de 25/05/1713 encontrado por Pe. Cláudio Melo em pesquisa realizada em Portugal no ano de 1988.

A “Batalha de São Gonçalo” foi um acontecimento transcorrido no contexto do movimento de levante dos Nativos do Norte. Dessa maneira é possível que os dois embates consecutivos tenham deixado vestígios materiais nos locais de ocorrência, como armamentos indígenas, projéteis das armas dos soldados portugueses, o que apenas uma pesquisa arqueológica detalhada principiando com o reconhecimento da área específica e prospecção de superfície poderia elucidar melhor o fato. Essa é uma proposta que pretende-se desenvolver futuramente tendo como base teórica a denominada Arqueologia em Campos de Batalha, subárea da Arqueologia Histórica que, como o nome já sugere, pesquisa todo o contexto arqueológico de locais onde ocorreram embates significativos, a exemplo do trabalho de Carvalho (2014), uma das autoras deste artigo, que desenvolveu estudos sobre a “Batalha do Jenipapo” em Campo Maior (PI), onde analisou fontes históricas, espacialidade, vestígios bélicos, oralidade, assim como, contextualizou com fazendas de gado da denominada Vila de Campo Maior.

A Insurreição que culminou com a “Batalha de São Gonçalo” ocorreu em 1718, após 5 anos da morte do líder Mandu Ladino, ocorrida às margens do rio Parnaíba durante batalha contra o sargento-mor Manuel Peres Ribeiro (Baptista, 2009). Como se pode observar, a “Grande Rebelião Tapuia” é apenas um exemplo da posição ativa dos povos nativos, a não aceitação pacífica de toda a violência sofrida, uma batalha por suas vidas e pelos seus territórios. Conforme afirma Albuquerque (2002, p. 75) “os nativos não eram vegetais e tampouco seres inanimados, reagiram abertamente, defenderam seus mundos invadidos e ameaçados”. Após o referido acontecimento que marcou o poder português no território, o atual município conservou em sua nomeação a referência à batalha e, dessa forma, foram dados os primeiros passos para a criação de um poder político – administrativo local.

O Piauí se tornou uma unidade político-administrativa da Colônia por volta da metade do século XVIII. Antes de tornar-se Capitania, em 1718, o Piauí estava vinculado ao território do Maranhão e quando o primeiro governo efetivamente foi instalado, iniciou-se um processo de organização social e administrativa com a realização de atos como o processo de limitação territorial da Capitania, a criação dos termos e vilas e a instalação de um mecanismo administrativo colonial no Piauí (Brandão, 1995).

Após o estabelecimento da Capitania do Piauí o seu território foi organizado administrativamente a partir de sete núcleos urbanos: Oeiras, a capital, e as seis vilas, assim denominadas: Campo Maior, Jerumenha, Marvão, Parnaguá, Parnaíba e Valença. Estas localidades haviam sido elevadas primeiramente à categoria de freguesias, que posteriormente ascenderam ao status de vila em 1762, por decreto do Rei de Portugal em Carta Régia de 19 de Junho de 1761.

No período colonial, a povoação Batalha pertencia à Freguesia de Nossa Senhora do Monte do Carmo que estava vinculada à Vila de São João da Parnaíba, a qual foi desmembrada desta somente em 1833. No Dossiê de tombamento do Conjunto Histórico e Paisagístico de Piracuruca produzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) destaca-se que “os limites aos quais se faz referência neste documento de instalação da vila, não são conhecidos outros que os definam com precisão” (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2008, p. 28).

Com a dificuldade em compreender quais foram os limites da Vila de Piracuruca, fez-se apenas uma estimativa de como poderia ter sido delimitado seu território ao reconhecer as freguesias que foram desmembradas da então vila. Dentre as freguesias desmembradas estava a de Batalha, que após o desmembramento de Piracuruca, ocorrido no ano de 1842, tornou-se freguesia em 1853 com a denominação

de Freguesia de São Gonçalo de Batalha e em 15 de dezembro de 1855 tornou-se Vila (Martins Filho, 2006). No Figura 2 podem ser observado todos os municípios que foram desmembrados da Vila de Piracuruca.

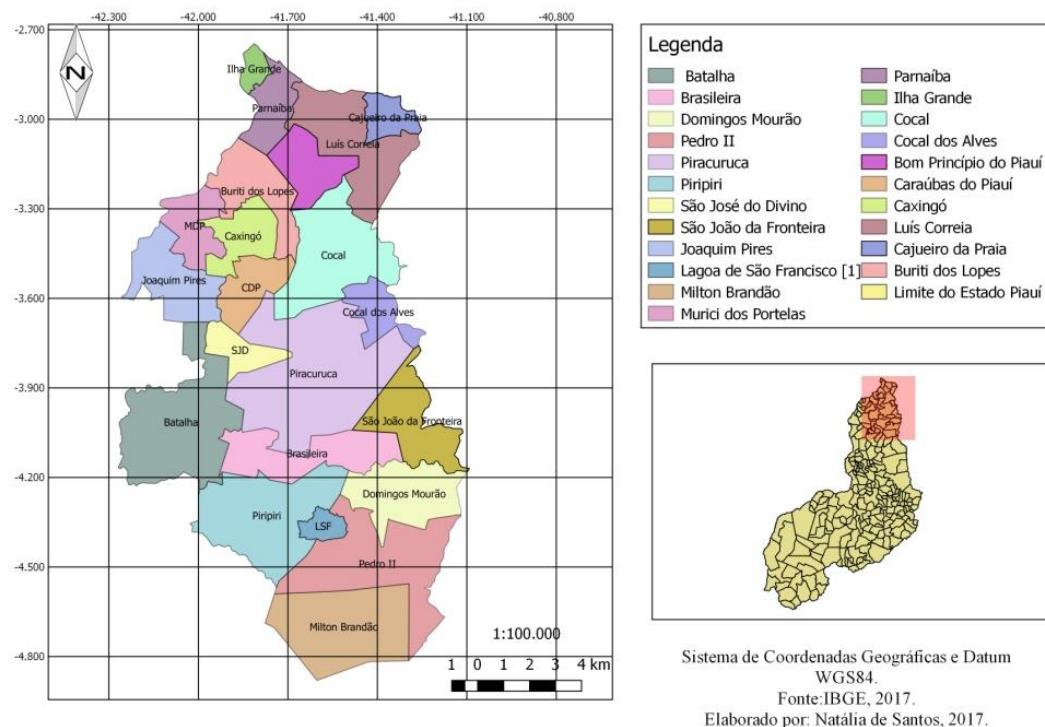


Figura 2. Municípios desmembrados da Vila de Piracuruca. Fonte: elaborado por Natália Santos (2017).

O povoamento antigo da atual cidade de Batalha, assim como muitas outras localidades da Capitania do Piauí foi iniciado pela fixação de estabelecimentos rurais para a criação de gado, conforme destaca Brandão (1995) quando ressalta que foi durante o período colonial que estes estabelecimentos rurais, fossem sítios ou fazendas, se consolidaram no Piauí, a partir dos títulos de terras doados aos fazendeiros. As fazendas e sítios diferem um do outro por serem unidades produtoras com características próprias; aquela tem sua atividade baseada na criação e comercialização de gado vacum ou cavalar, enquanto o sítio tem como atividade a prática da agricultura de subsistência (Brandão, 1995).

Há incerteza sobre qual foi o estabelecimento rural que deu origem à atual cidade de Batalha. Segundo Filho (1997), o povoamento do território se deu pela fundação de uma antiga fazenda denominada de Fazenda Batalha na data⁶ Carahybas. Já Rodrigues (2010) faz referência ao Sítio Vitória como sendo o que deu origem à localidade de Batalha, uma vez que para este autor o Capitão-mor Antônio Carvalho de Almeida⁷, proprietário

⁶ Documento que apresentava a oficialização da concessão de sesmaria que eram as terras incultas distribuídas pelo Rei de Portugal aos seus súditos para que fossem cultivadas.

⁷ Nomeado Capitão-mor da Capitania do Rio Grande do Norte pela Carta Patente de 14 de março de 1701 em substituição a Bernardo Vieira de Melo este serviu como soldado no Terço da Guarda da Corte de Lisboa chegou ao Piauí em 1706, ou seja, quando este território ainda estava vinculado ao Governo do Maranhão e em 13 de julho de 1739 recebeu a sesmaria do sítio Vitória na margem do rio Longá (Rodrigues, 2010).

do referido sítio foi um dos primeiros a se instalar no território do atual município, povoando esta área após “a instalação das primeiras fazendas no caminho entre São Luís e a Ibiapaba seguindo estrategicamente o curso dos rios” (Rodrigues, 2010, p. 33).

AS FAZENDAS REMANESCENTES DA LOCALIDADE BREJO

Para Alencastre (2005, p. 13) “Os primeiros núcleos urbanos piauienses tiveram sua origem agregada ou nas adjacências das fazendas [...], dessa forma, o espaço da fazenda e ou sítio tornou-se o ‘embrião’ do povoamento”. Já se observou que as fazendas de gado se tornaram representativas do processo de povoamento europeu no Piauí Colonial e como tal “carregam em si características materiais de todos os períodos que atravessam” (Najjar, 2011, p. 80).

Segundo Oliveira (2021) a fixação de fazendas de gado e a origem de povoados é comum a muitos municípios do interior da atual Região do Nordeste, sendo a pecuária uma peça fundamental na ocupação territorial, onde o estudo da composição arquitetônica desses estabelecimentos rurais é um componente agregador aos estudos da sociedade local, ou seja, das populações que habitavam o “sertão piauiense”.

Os estudos de estabelecimentos rurais do período colonial no Piauí são de expressiva relevância para a compreensão de como se deu a composição social piauiense, o que se percebe pelas pesquisas sobre fazendas de criatório de gado desenvolvidas a exemplo de Ribeiro *et al.* (2014), Borim Júnior (2016), Vieira (2017), Oliveira (2018), Costa (2022), dentre outros, que no âmbito de análises que vão desde estudos sobre a Arqueologia da Alimentação até a Arqueologia da Diáspora Africana, e que focam não somente nos estudos da materialidade de vestígios móveis como também nas espacialidades e na composição arquitetônica para obtenção de dados sobre os diferentes grupos que deram origem a sociedade piauiense.

Ao observar as construções rurais piauienses, nota-se que eram geralmente constituídas pela casa-grande onde viviam os proprietários com seus familiares e demais parentes, uma vez que a família piauiense era bem extensa, agregando os demais parentes de sangue e outros por consórcio através de casamentos arranjados entre as familiares de posse e influentes politicamente.

Quando se aborda a casa de cozimento dos alimentos, esta poderia ser uma extensão da sede; os armazéns em que se guardavam os víveres, o engenho, que geralmente era de pequeno porte para a produção de rapadura e cachaça para o consumo interno, e a moradia dos escravos ou senzala; cabe ressaltar que algumas pessoas escravizadas viviam nas dependências próximas à casa do proprietário e outras nas áreas dos currais; os currais, por sua vez, estavam distribuídos ao longo da sesmaria ou da data de terra e serviam para aprisionar e monitorar o gado que pastava em áreas distantes e que poderia ser habitado por uma família de vaqueiros escravizada. Alguns desses estabelecimentos possuíam ainda a capela, para consagrar a função religiosa inscrita no interior do grupo familiar (Medeiros, 2005).

Partindo da premissa de que a Arquitetura pode ser entendida como uma exemplo de linguagem que pode ser “lida” e interpretada e que a fixação de empreendimentos rurais pode ser considerada uma forma de domesticação do espaço, onde um lugar ao sofrer por modificações na materialidade passa a fazer parte de uma narrativa, sendo elemento de uma paisagem cultural, são analisadas aqui dois estabelecimentos rurais localizados no território do atual município de Batalha, relacionados à ocupação colonial na extensão do Baixo Rio Longá: as fazendas Brejo de Baixo e Brejo de Cima (Zarankin, 2001).

Realizando uma análise espacial observa-se no Figura 3 a distribuição geográfica das fazendas Brejo de Baixo e Brejo de Cima. Estas fazendas estão situadas em uma localidade denominada Brejo, atualmente em funcionamento, que possuem fontes de água e nascentes perenes com uma área extensa e propícia para o cultivo da cana-de-açúcar e com abundantes pastagens e campos abertos utilizados para a criação de gado.

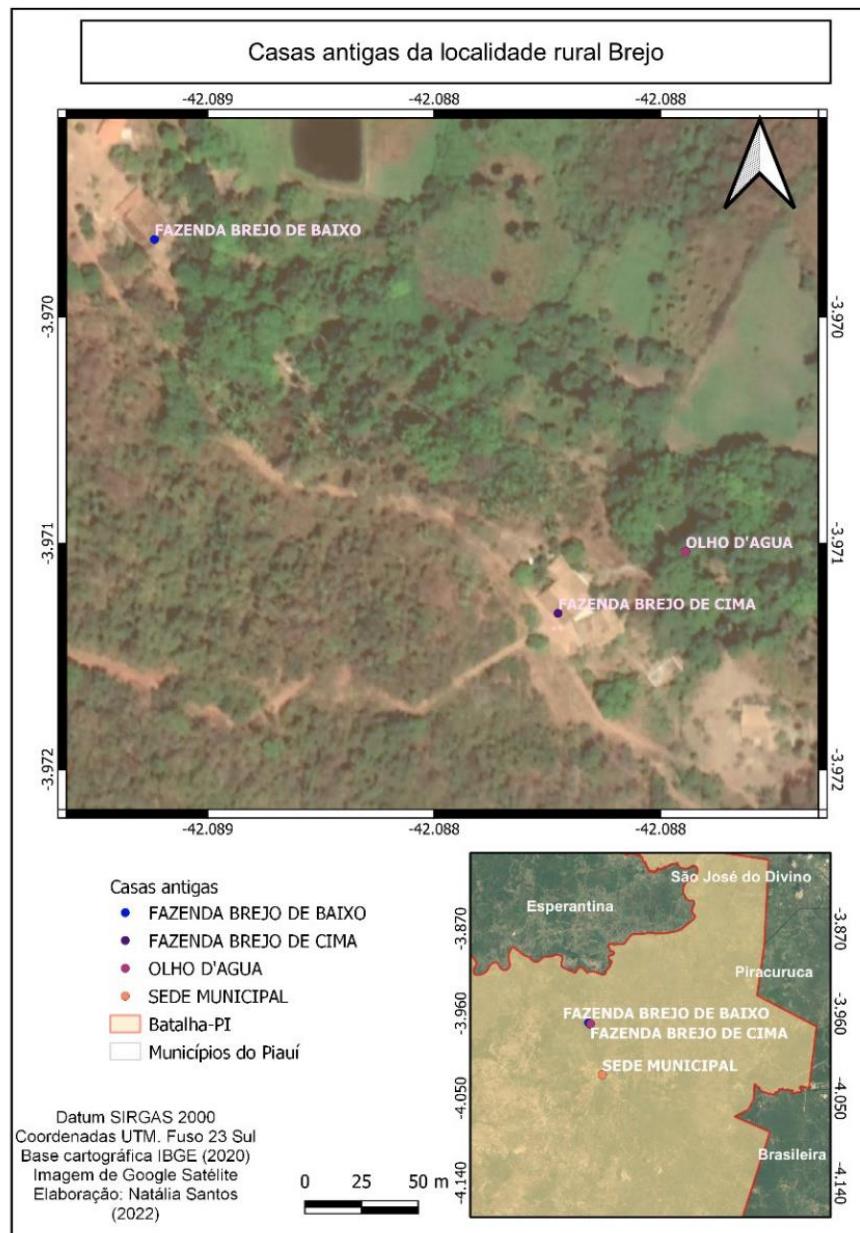


Figura 3. Distribuição geográfica das fazendas na localidade Brejo, Batalha PI. Fonte: elaborado por Natália Santos (2022).

A denominação de Brejo é equivalente a uma “ilha de umidade”, área geralmente localizada próxima às serras, que apresenta maior intensidade de chuvas. Segundo Medeiros e Cestaro (2019, p.105) os brejos “são paisagens que quebram a monotonia das condições físicas e ecológicas dos sertões secos, enriquecendo a produtividade agrária local”, ou seja, possui solos bastante férteis que propiciam a produção de quase todos os tipos de alimentos. Eram os Brejos os locais escolhidos pelos colonizadores para estabelecerem as suas

moradias, que por vez eram, anteriormente a estes, locais de referência cultural e de habitação, mesmo que sazonal dos povos nativos. Por estas razões não é difícil prever quão ferrenha foi a disputa por estes locais.

De acordo com informações coletadas entre os senhores José Bezerra⁸ e Raimundo Nonato Bezerra, membros da família Bezerra e Castro, donos das fazendas, elas nunca passaram por significativas modificações a não ser a manutenção do teto e do piso que tiveram substituições por estarem danificados pela própria antiguidade da construção e pelo uso cotidiano.

Nas Figuras 4 e 5 vê-se a fachada das casas das fazendas Brejo de Cima e Brejo de Baixo, que possuem, “aproximadamente 200 anos, sendo a Brejo de Baixo a mais antiga. [...] A fazenda Brejo de Cima foi comprada em 1911 por Sebastião Bezerra da Cunha [...], porém a fazenda já existia há muitos anos” (Costa, 2022, p.134).



Figura 4. Casa da Fazenda Brejo de Cima. Fonte: Carvalho (2021).

Ao observar a organização espacial, compreendeu-se que as fazendas Brejo de Cima e Brejo de Baixo possuem características de propriedades rurais típicas do período colonial piauiense (Silva Filho, 2007). Elas foram edificadas às margens de um olho d’água perene, local úmido que propicia o cultivo de pasto adequado ao criatório de gado, além de ser fonte de abastecimento para a população, para o cultivo da cana-de-açúcar e para o preparo de roças de cultivo de víveres e fruteiras de variadas espécies, necessárias à subsistência dos próprios moradores.

Nas cercanias das fazendas ainda se conserva um muro de pedras, conforme pode ser visto na Figura 6, cuja construção, de acordo com os dados fornecidos pelos moradores, é tão antiga que remete ao período da escravidão no Brasil, por volta do século XVIII e XIX, e possui a finalidade de delimitar o curral de gado da área da casa, do olho d’água e do pasto. A estrutura das fazendas, como enfatiza Brandão (1995, p. 46) são bem

⁸ O Senhor José Bezerra de Castro faleceu em 2016, poucos meses após a conversa que as autoras tiveram com o mesmo.

complexas, “envolvem a terra, o gado, a casa de morada, cercados, currais, roças, tendas de farinha e por extensão englobava alguns sítios”.



Figura 5. Casa da Fazenda Brejo de Baixo. Fonte: Carvalho (2021).



Figura 6. Muro de pedra localizado entre as fazendas. Fonte: Laiane Costa (2021).

Na localidade Brejo pode-se perceber a construção desse tipo de estrutura, pois as fazendas do Brejo são estabelecimentos remanescentes que também se articulam com o território, além de serem encravadas no olho d'água do Brejo, que pode ser visto na Figura 7; no caso específico da Fazenda Brejo de Baixo, esta possui um alpendre que abrange toda a extensão frontal da edificação e uma grande área livre no entorno da casa, o que possibilita uma visão de toda a cercanía, em que se pode observar de longe o movimento e a aproximação de pessoas e de animais, essas habitações rurais com alpendres largos e áreas descampadas no entorno das casas são características do período colonial piauiense conforme afirma Silva Filho (2007).



Figura 7. Acesso ao Olho 'água. Fonte: Carvalho (2021).

Quanto à Fazenda Brejo de Cima, ela não possui um terreno extenso no entorno, o que pode estar ligado à sua localização, que se encontra defronte a uma área bastante elevada. Sua base econômica era a produção de rapadura e farinha de mandioca. Já na fazenda Brejo de Baixo a prática da criação de gado era a principal produção econômica e até hoje essa ainda é uma atividade predominante em toda a localidade Brejo.

As características arquitetônicas das casas de fazenda da localidade Brejo podem ser entendidas, de acordo com Silva Filho (2007), como sendo estabelecimentos rurais sem muitos ornamentos, mas que apresentam

como diferencial as estruturas e os materiais utilizados, pois o sistema de construção dependia da disponibilidade do material da região.

As primeiras casas de fazendas eram bem básicas, pareciam edificações provisórias com dois ou três pavimentos construídas com alvenaria de tijolos ou adobe, paredes de taipa de pau-a-pique e coberta de telha de barro, em quatro águas, sobre uma estrutura de madeira. Seus interiores eram compostos de paredes laterais capazes de sustentar toda a estrutura, possibilitando que no núcleo fosse possível realizar constantes modificações (Medeiros, 2005).

As casas de fazenda passaram por muitas modificações durante os séculos, se diz que o local em que eram edificadas também influenciava na sua estrutura. No caso da fazenda Brejo de Cima, as suas paredes são compostas de pedra e barro cru sustentado por esteios de madeira de carnaúba, conforme pode ser visto na Figura 8, telhados construídos com encaibramentos e ripamentos também de tronco de carnaúba. Da mesma forma é a estrutura da fazenda Brejo de Baixo. A carnaúba é uma matéria-prima muito encontrada por todo o território do município de Batalha, pois estas fazendas localizam-se em zonas de densos carnaubais e palmeiras sendo, conforme Silva Filho (2007), aproveitada a madeira para outras utilidades que acrescentam à economia local.



Figura 8. Parede Lateral de pedra e barro. Fazenda Brejo de Baixo. Fonte: Carvalho (2021).

A fazenda Brejo de Cima, conforme pode ser observado na Figura 10, possui uma distribuição de cômodos distinta da Brejo de Baixo. Nela encontram-se 2 alpendres, 5 quartos, 1 corredor longo que divide os quartos do antigo salão de festas, 2 salas (uma de visitas e outra de refeições) e 1 cozinha com despensa anexa.

Na Figura 10 ainda pode ser vista a representação do local do antigo engenho de beneficiamento da cana-de-açúcar; anexo à casa da Fazenda Brejo de Cima, também, foi encontrado o armazém, ambiente em que eram guardados os produtos derivados da cana-de-açúcar, como a rapadura.

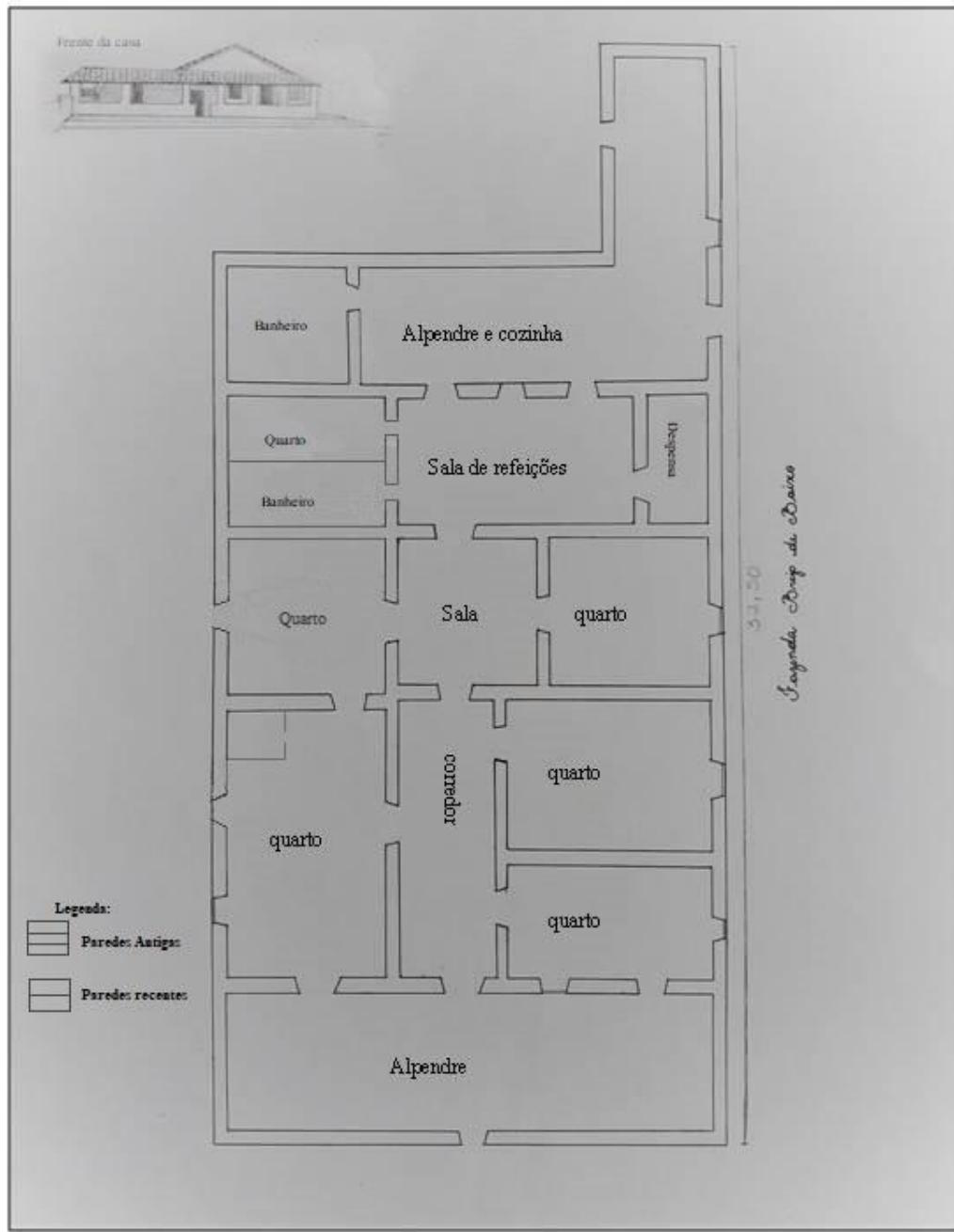


Figura 9. Planta baixa da casa da Fazenda Brejo de Baixo. Fonte: acervo de Laiane Costa (2022).

A partir das plantas apresentadas (Figuras 9 e 10) podemos analisar, então, cada compartimento, dando destaque ao que cada um representa dentro do contexto familiar, ou seja, seu estudo possibilita a compreensão de como era o cotidiano dos primeiros moradores locais. Começando pelo alpendre, que é considerado uma das dependências fundamentais da casa, está presente tanto na fazenda Brejo de Cima como na de Brejo de Baixo. É o lugar de descanso, a sala onde se recebe as visitas e o local de se observar o movimento dos arredores. Nos séculos XVIII a XIX não havia a necessidade de salas de estar, ficando esta função ao alpendre.

Ao observar a estrutura arquitetônica interna, observou-se que a presença de paredes de meia alturas, localizadas sobre as linhas das cumeeiras e águas mestras, de acordo com Silva Filho (2007), está atrelada à economia na construção, levando em consideração as condições físicas e climáticas do lugar, possibilitando

uma melhor ventilação. Os quartos das casas são laterais, separados por um corredor central que liga o alpendre à varanda de refeições. As dimensões internas dos cômodos são médias; em ambas as fazendas há presença de um quarto maior, geralmente o do proprietário, que se localiza próximo à sala de refeições.

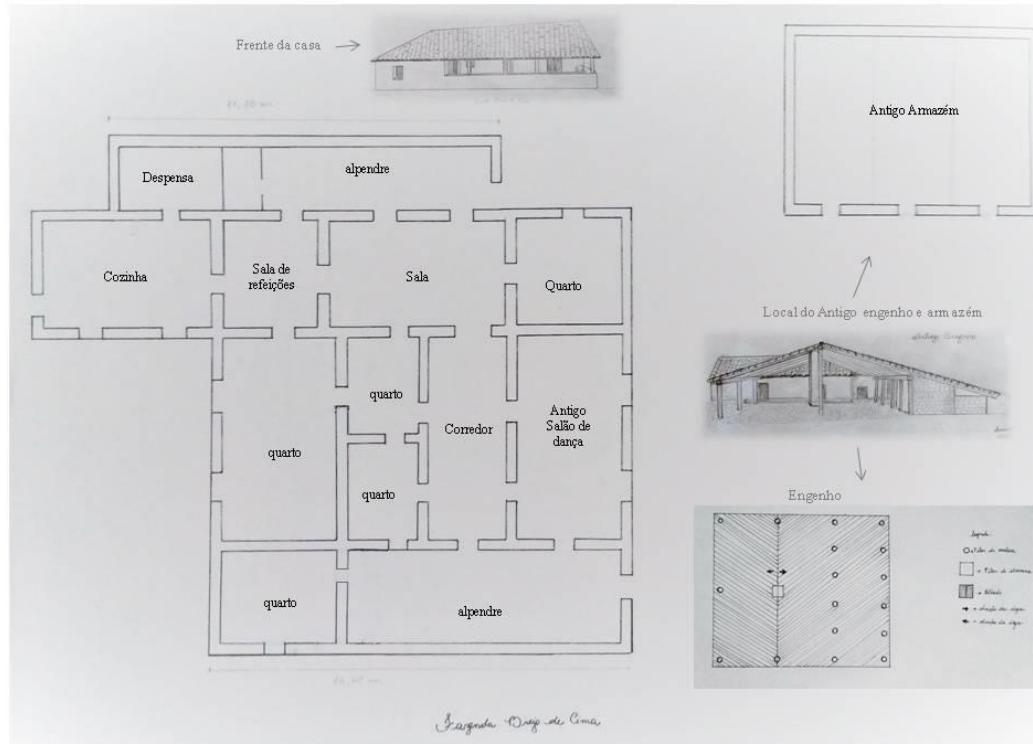


Figura 10. Planta Baixa da casa da fazenda Brejo de Cima. Fonte: acervo de Laiane Costa (2022).

Analizar características como a dimensão dos quartos e a quantidade deles pode possibilitar a identificação, por exemplo, do tamanho da família, e possivelmente da riqueza (Orser Jr, 1992). Ao adentrar aos quartos foi identificada a presença de madeiras de carnaúba que também eram utilizadas para a armação de redes; estas são utensílios domésticos de origem nativa ainda muito usados na região nordeste do Brasil. Observando o tamanho das janelas e portas elas possuem paredes espessas com peitoril e soleira de madeira, possuem baixa altura em relação ao chão, o que pode ter relação também com a melhor circulação de ar.

Os pisos de tijolos de barro cozido conservados estão presentes apenas na área dos alpendres, de alguns quartos e do corredor, sendo também destaque a variação de elevação do piso de um cômodo a outro, talvez relacionado com a declividade do terreno.

Quanto à disposição dos cômodos das fazendas, após os quartos, ao fundo encontra-se a varanda de refeições, conforme pode ser observado na Figura 11, que geralmente são abertas e compostas por um peitoril de alvenaria que servem como lugar não somente para realização das refeições, mas também de realização e outras atividades, pois é onde a família se reunia para se descontrair (Silva Filho, 2007).

E finalmente, a cozinha, de telhado rebaixado. Na fazenda Brejo de Cima é acoplada na lateral da varanda de refeições e na fazenda Brejo de Baixo é um anexo em forma de L com o cômodo de refeições, possuem um forno a lenha e armário com portas de madeira embutido, comumente usado para guardar talheres e outros utensílios.

As cozinhas são, desse modo, consideradas uma parte de destaque na casa de fazenda, elas tinham amplas dimensões por que as famílias que ali habitavam eram numerosas. A cozinha era a principal área de atividade da família, igualmente às varandas de refeições era um local de destaque por serem pontos de encontro para conversas, enquanto preparavam as refeições (Silva Filho, 2007).

As pesquisas arqueológicas desenvolvidas por Oliveira (2018) na Fazenda Prazeres, localizada no município de Bertolínia (PI) e Borim Júnior (2016) sobre a Fazenda São Domingos em José de Freitas (PI) dão destaque à esse cômodo da casa-grande, onde por meio de análises de fragmentos de louças, vidro, cerâmica, juntamente com vestígios alimentares, agregados à estudos documentais e de espacialidade externa e interna dos estabelecimentos buscam, dentre outras coisas, compreender as práticas alimentares dentro do contexto sociocultural nos séculos XVIII à XIX.

Outro local a se destacar são os compartimentos para o armazenamento de alimentos; na fazenda Brejo de Cima encontra-se à parte um pequeno cômodo, Figura 12, uma despensa utilizada para guardar os alimentos, já na fazenda Brejo de Baixo foi identificado uma abertura na parede de uns dos quartos que, segundo um dos moradores, foi construído com o intuito de esconder os alimentos dos escravos, mas pelo tamanho poderia ser um espaço reservada para pertences de relevante valor monetário. Atualmente apenas o quarto principal permanece com essa abertura sendo ainda utilizado.



Figura 11. Varanda dos fundos da Fazenda Brejo de Baixo. Fonte: Laiane Pereira (2021).



Figura 12. Abertura encontrada dentro de um dos aposentos (sem escala) na casa da Fazenda Brejo de Baixo. Fonte: Laiane Pereira (2017).

Durante as prospecções realizadas não foi possível identificar o antigo curral de gado, provavelmente sua localização era em local distante das casas, pois o relevo onde se encontram é bastante acidentado e próximo às nascentes, dificultando a lida com o gado. Autores como Oliveira (2021) e (Ribeiro *et al.*, 2014) mencionam que a localização do curral geralmente era na parte frontal da casa da fazenda, levando em consideração que esse poderia ser considerado o local de mais destaque por possibilidade visão privilegiada das redondezas.

Quanto às senzalas, nas fazendas aqui estudadas, foi apontado por moradores apenas o possível local em que poderia ter sido edificada a senzala na fazenda Brejo de Baixo. Segundo dados repassados de geração em geração pela família Bezerra de Castro, a senzala assim como o tronco, teriam sidos construídos também no atual local do terreiro frontal na parte da lateral direita da fazenda, o que só poderá ser verificado por meio de escavações no local, já que não foi avistada nenhuma estrutura em superfície.

Enquanto autores como Silva Filho (2007) julgam que no Piauí não havia senzalas, outros como Medeiros (2005) e Brandão (1995) supõe que as senzalas eram construções de pau-a-pique, cobertas por sapé ou folhas de bananeiras sem janelas, matérias-primas de curta durabilidade, o que torna difícil a presença de vestígios remanescentes.

Os vestígios de construções de senzalas agregam a estudos da Arqueologia da Escravidão no Piauí, juntamente com artefatos ditos de tortura, as casas-grandes, segundo Costa (2022), e as oralidades referentes à presença de escravizados em fazendas de criar gado também são materialidades relacionadas à escravidão.

Ao pesquisar fazendas históricas no Piauí, a Serra Negra em Aroazes, a Fazenda Olho D'água dos Negros em Esperantina, as Fazendas Brejo de Baixo e Brejo de Cima em Batalha e as Fazendas Juaí e Tapera em Valença do Piauí Costa (2022) se enfatizam os trabalhos de escravizados nas construção e manutenção das fazendas, o que juntamente com outras pesquisas como a de Vieira (2017) sobre a Fazenda São Vitor, um remanescente quilombola datado dos séculos XVIII e XIX, localizado em Lagoa de São Vitor, município de São Raimundo

Nonato, Sudeste do Piauí, confirmam a importância dos estudos desses empreendimentos para a história colonial do atual estado do Piauí pelo viés não só dos fazendeiros, mas da historicidade dos povos africanos.

E, por fim, quando se observa a disposição espacial das casas de fazendas, elas ficam próximas uma da outra, sendo separadas por cercas e pelos vestígios do muro de pedra. No entanto, compartilham do olho d'água, a fonte de abastecimento, que pode ter sido a principal fonte hídrica, relevante para a produção econômica do lugar. A água canalizada servia para regar as lavouras, dar de beber para o gado e demais outros animais dos criatórios, além de garantir até mesmo a subsistência dos próprios moradores.

Desse modo, reafirma-se que toda a descrição das fazendas do Brejo fornece dados relevantes, não só sobre a disposição dos cômodos dos estabelecimentos rurais do período colonial no Piauí, mas também possibilitou o conhecimento das suas funcionalidades, assim como, contribuir para o entendimento de como se davam as relações sociais no período colonial no interior da região Nordeste Brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento realizado na pesquisa aqui apresentada, pontos importantes sobre os estudos de Arqueologia no município de Batalha puderam ser identificados e reconhecidos. Compreendeu-se que a povoação do território que abrange o atual município de Batalha, pelo colonizador, se deu inicialmente pela fixação de fazendas de gado e instalação de pequenos engenhos de beneficiamento da cana-de-açúcar e de produção de farinha. Essa fixação ocorreu após a Batalha de São Gonçalo em que os indígenas depois de perderem seus familiares e parentes foram afugentados da região em que habitavam de forma violenta, resultante dos interesses dos colonizadores por essas áreas.

As proximidades entre os estabelecimentos rurais e os principais rios da região constatam a relevância que os mesmos tiveram para a criação de gado, para as plantações e como fonte d'água para o consumo dos moradores. As casas das fazendas Brejo de Cima e Brejo de Baixo representam a materialidade do processo de povoamento na região norte do estado do Piauí, de forma que a análise de suas composições arquitetônicas contribui para os estudo da História do município de Batalha e alcance do objetivo principal de agregar novos conhecimentos ao estudo do povoamento do Norte do Piauí e oferecer subsídios para pesquisas futuras.

No que tange a Arqueologia do Campo de Batalha, propõe-se a busca por compreender do ponto de vista arqueológico a “Batalha de São Gonçalo”, acontecimento que originou o município, obtendo informações a respeito da mesma, como, por exemplo, o local de ocorrência deste embate, assim como, pelo viés da Arqueologia da Diáspora Africana, destaca-se a necessidade de estudos referentes ao papel dos grupos escravizados na história do Piauí, ambas contribuindo para o conhecimento de outras histórias que não somente do ponto de vista do colonizador, conforme Oliveira (2021) destaca, a busca pelas materialidades de povos com histórias silenciadas, onde se afirma não ter presença de vestígios que demonstre sua presença na construção social.

Desta forma, não se pode deixar de destacar o quanto este trabalho vai além do papel de agregar aos estudos arqueológicos sobre os processos históricos que deram origem ao atual território piauiense; pretende-se disponibilizar informações para futuras pesquisas mais aprofundadas referentes ao povoamento no território do Norte do atual estado do Piauí por meio do estudo de empreendimentos rurais, mas também representa a concretização de parte do sonho de umas das autoras deste artigo (Natália) de buscar conhecer a história de seus antepassados, do seu lugar de origem, de suas “raízes” e poder compartilhar isso com seus conterrâneos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Francisca e Raimundo (pais de Natália, autora deste artigo), que contribuíram como guias na pesquisa de campo por caminhos e veredas antes desconhecidos. À Laiane Pereira, colega de profissão que participou das pesquisas de campo e contribui com as medições dos espaços e produziu as plantas baixas aqui apresentadas. E profunda gratidão à família Bezerra e Castro por abrirem as portas de suas casas para possibilitar que a parte da história da nossa cidade fosse contada.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, M. C. (2002). *Seara indígena: deslocamentos e dimensões identitárias..* Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Curso de História Social, Fortaleza.
- Alencastre, J. M. P. de (2005). *Memória cronológica, histórica e corográfica da Província do Piauí*. Teresina: SEDUC.
- Araújo, J. L., & Sousa, A. R. P. de (2009). O Rio Longá e o povoamento do Piauí. *História Revista -Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás*, 14(2). Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/9557>>.[cons. 07 maio 2016].
- Baptista, J. G. (2009). *Etno-história e história indígena piauiense*. Teresina: APL, FUNDAC, DETRAN.
- Brandão, T. M. P. (1995). *A elite colonial piauiense: família e poder*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves.
- Borim Júnior, W. (2016). *Sabores e Dissabores: olhares sobre a cultura material da Fazenda São Domingos (José de Freitas, Piauí)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Teresina.
- Carvalho, M. do A. A. de. (2014). *Batalha do Jenipapo: reminiscências da cultura material em uma abordagem arqueológica*. Dissertação (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Chaves, J. (1994). *O índio em solo piauiense*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves.
- Costa, L. P. da (2022). *O flagelo da cor: memórias e tecnologias da punição de escravizados no Piauí*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Teresina.
- Dias, C. M. M. D. (2008). *Povoamento e Despovoamento (da Pré-História à Sociedade Escravista Colonial)*. Em Nascimento, F. A., & Vainfas, R. (orgs). *História e Historiografia* (pp. 71-90). Recife: Editora Bagaço.
- De Medeiros, J. F., & Cestaro, L. A. (2019). As diferentes abordagens utilizadas para definir Brejos de Altitude, áreas de exceção do Nordeste brasileiro. *Natal: Sociedade e Território*, 31(2), 97-119.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). *Batalha (PI) Cidades e estados*. Disponível em:<<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/batalha.html>>.[cons. 14 nov. 2022].
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2008). *Cidades do Piauí testemunhas da ocupação do interior do Brasil durante o século XVIII: Conjunto Histórico e Paisagístico de Piracuruca*. Dossiê de Tombamento. Brasília e Teresina: Depam/ 19^asr-pi.
- Martins Filho, M. (1997). *Terra de São Gonçalo: ensaio sobre a história de Batalha*.
- Martins Filho, M. (2006). *A Freguesia de São Gonçalo da Batalha*. Disponível em: <<http://miltonfilho.blogspot.com.br/>>.[cons. 18 jun. 2015].

- Medeiros, M. C. D. (2005). *Reconstituição de uma fazenda colonial: estudo de caso fazenda de São Bento de Jaguaribe*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife.
- Mott, L. R. B. (2010). *Piauí Colonial – População, economia e sociedade*. Teresina: APL, FUNDAC, DETRAN.
- Najjar, R. (2011). *Para além dos cacos: a arqueologia histórica a partir de três superartefatos (estudo de caso de três igrejas jesuíticas)*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 6(1), 71-91.
- Oliveira, A. J. da C. (2018). *A comida está servida? Um estudo das práticas alimentares na fazenda Prazeres, Bertolínia - PI*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Pós - Graduação em Arqueologia, Teresina.
- Oliveira, K. B. da S. (2021). *Escravidão e terras de criar gado em um lugar denominado sertão: uma arqueologia das moradas de casas e miudezas cotidianas do Seridó Potiguar, séculos XVIII E XIX*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Belo Horizonte.
- Orser Jr, C. E. (1992). *Introdução à Arqueologia Histórica*. Tradução e apresentação Pedro Paulo Abreu Funari. Oficina de Livros: Belo Horizonte.
- Puntoni, P. L. (2002). *A guerra dos bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720*. São Paulo: HUCITEC/ EDUSP.
- Ribeiro, M. A., Assis, N. P. D. de, Negreiros, R. M. B. de, Kestering, C., & Oliveira, A. S. de N. (2014). Retalhos históricos e detalhes arquitetônicos da Fazenda da Água Verde-PI. *Cadernos do LEPAARQ(UFPEL)*, 11(21), 247-272.
- Rodrigues, C. A. (2010). *Estação Longá: catequese, família, prestígio e poder na formação político-social batalhense*. Batalha: Nacional.
- Silva Filho, O. P. da (2007). *Carnaúba, pedra e barro na Capitania de São José do Piauhy*. Vol. 3. Belo Horizonte: Editora do Autor.
- Sousa, A. R. P. de (2011). *Turismo sustentável e desenvolvimento local no Parque Ecológico Cachoeira do Urubu em Esperantina e Batalha no Piauí*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Curso de Desenvolvimento e Meio Ambiente, Teresina.
- Sousa, V. V. (1990) . *Pesquisas para a história de Batalha*. Vol. 1. Batalha: ED. COMEPI.
- Vieira, B. V. de F. (2017). *Era no tempo do coronel... “Eu não concordo muito com isso não!”: Arqueologia Pública e interpretações colaborativas sobre a “Fazenda São Victor”, Piauí*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras.
- Zarankin, A. (2001). *Paredes que domesticam: arqueologia da arquitetura escolar capitalista: o caso de Buenos Aires*. Dissertação (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas.

BATALHA DE SÃO GONÇALO:
UM ESTUDO ARQUEOLÓGICO NO MUNICÍPIO DE BATALHA – PIAUÍ A PARTIR DE ANTIGOS ESTABELECIMENTOS RURAIS